

Investigações sobre a obra de Machado de Assis e a constituição de sua singularidade na formação brasileira

Pesquisa de doutorado – etapas e progresso da pesquisa em curso

Sociologia da Arte e da Cultura – Grupo de trabalho 32

Marcelo Brice Assis Noronha – UFT / UFG - Brasil

Resumo:

A articulação entre social e estético é apontada na obra machadiana através dos gêneros e da peculiaridade do realismo que ele organiza literariamente; de modo algum como o realismo de escola. Machado reforça e distende as referências, apontando características, normalmente “escondidas”, e as distorcendo como modo de fazer o leitor receber a obra do intelecto. Parece haver uma subversão reformadora da presença do nacional e da contradição do espírito na feitura das ideias e nas relações cingidas nos fenômenos de criação. O lugar da figuração do real na maturidade machadiana, os estilhaços do capitalismo brasileiro nascente, com sua república pouco republicana e seus modelos científicos herdados sem muita elaboração serão objeto de reflexão, direcionados a partir de sua construção narrativa.

Palavras-chave: Machado de Assis; forma literária; realismo.

I

As formas da arte estão intimamente ligadas às condições sociais que lhe constituem, e também podem ser reconhecidas em suas estruturas técnicas, imaginativas, teóricas e potencialmente cunhadas pela dita *quintessência* da obra ou do autor, o que também é, certamente, social. Não se trata aqui da noção de genialidade, nem do completamente oposto; há sim a preocupação com a particularidade situada do objeto a ser analisado, em sua voltagem e características, afeitas à compreensão das imbricações do produto cultural, produzido, como já dissemos, por particularidades contextualizadas, por isso, de certo modo, definíveis. A questão gira em torno de como e por que a obra de Machado de Assis se destaca no apontamento da realidade histórica e da sua realização artística específica.

O debate da crítica especializada carrega consigo assertivas e tendências quanto ao tipo de apreensão a se fazer da obra de Machado. À parte das linhagens críticas que serão constituídas, nos parece haver nos indicativos dos textos críticos do próprio Machado, como na sua realização literária enquanto homem das letras, um pensamento que ele ajudou a construir em torno do problema do *nacional*, do *real* e a *combinação* universal a ser feita, livremente conduzida – para com isso usarmos termos aparentemente excludentes. É nesse sentido que o problema enquanto matriz pode se reduzir a um falso problema, quando não buscamos na obra suas perguntas e respostas, a partir de seus próprios pressupostos. Sem dúvida a *crítica integradora*, como a feita e proposta por Antonio Candido¹, nos

¹ “O meu propósito é fazer uma crítica integradora, capaz de *mostrar* (não apenas enunciar teoricamente, como é hábito) de que maneira a narrativa se constitui a partir de materiais não literários, manipulados a fim de se tornarem aspectos de uma organização estética regida pelas suas próprias leis, não as da natureza, da sociedade ou do ser. No entanto, natureza, sociedade e ser parecem presentes em cada página, tanto assim que o leitor tem a impressão de estar em contacto com realidades vitais, de estar aprendendo, participando, aceitando ou negando, como se estivesse envolvido nos problemas que eles suscitam. Esta dimensão é com certeza a mais importante da literatura do ponto de vista do leitor, sendo o resultado

lega um avanço em relação aos obscuros recursos redutores utilizados por vertentes específicas. A obra certamente ajudará a guiar a relação constante entre parte e todo, orientando o diálogo que a crítica, no âmbito da sociologia da arte, poderá executar. O que está por fazer em uma melhor leitura do objeto é sua capacidade de aproximar relações que esclareçam os limites demarcados na tarefa crítica, sociológica ou literariamente. Por isso a confluência na relação entre arte e sociedade é vista tanto no âmbito da feitura artística quanto da apreensão intelectual dos fenômenos, como também dos condicionantes sociais. Esse é o trabalho da crítica, aquela que aproxima os fenômenos, sabedora de estar assim produzindo um sentido na relação dos elementos vigentes a serem analisados.

Os suportes da articulação entre social e estético são apontados na obra machadiana através dos gêneros e da peculiaridade do realismo que ele organiza literariamente; não como o realismo de escola, mas como outro realismo, se assim pudermos definir. A combinação dos elementos vigentes ao espírito realizador, como produtor, que não é um gênio criador, mas o que a própria obra cumpre, faz de Machado aquele que exercita sua elaboração, conformação e integração constantes. Em suma, configuração das forças literárias e sociológicas, conquanto sua imaginação formule entradas nas situações vigentes, como teorias filosóficas e apreensões feitas pelo indivíduo na sua relação com o mundo. Machado reforça e distende as referências, apontando características, normalmente “escondidas”, e as distorcendo como modo de fazer o leitor receber a obra do intelecto, o que servirá para situarmos o seu “efeito de real”, ao modo de Roland Barthes.

Qual a importância dos elementos e da combinação deles para o tipo de arte machadiana? Se há realismo, qual é? Parece haver uma subversão reformadora da presença do nacional e da contradição do espírito na feitura das ideias e nas relações cingidas nos fenômenos de criação. O lugar da figuração do real na maturidade machadiana, os estilhaços do capitalismo brasileiro nascente, com sua república pouco republicana e seus modelos científicos herdados sem muita elaboração são constantes objetos de reflexão, o que percebemos em destaque nos pontos levantados em seu romance *Quincas Borba* e em sua novela *O Alienista*, trabalho esse colocado em prática de modo mais exacerbado com as preocupações de feitura literária em seu livro *Memórias póstumas de Brás Cubas*, que permite, através da profundidade do caso, uma forma de extensão da análise sobre a vida, com a vantagem de se dizer dela após a própria morte, que é o que ocorre com o narrador desse romance. Os temas recorrentes da “sandice” e da “razão” participam da realidade sócio-histórica que compõem suas apropriações. Interessante também como os temas marcam a forte presença, para o “bem” ou para o “mal”, do homem nas relações sociais e no processo histórico, não tendo um aspecto edificante, mas sim desconcertante. Nossa educação cuidada como uma gentileza da tragédia sem fim. A ironia formula o estranhamento; o modo como ela funciona no texto machadiano parece ser a razão de seu dito pessimismo². Depois do exercício e experiência bem-sucedida do narrador em primeira pessoa, a situação do narrador em terceira pessoa coloca a força da análise na obra e suas desventuras internas como algo em destaque, mesmo Machado não abdicando das inovações nas combinações dos temas e recursos de contato com o leitor e com a prática cultural. O que podemos perceber, então, nas configurações e caracterização do seu impacto reflexivo através das três³ obras nominalmente citadas acima.

mais tangível do trabalho de escrever. O crítico deve tê-la constantemente em vista, embora lhe caiba sobretudo averiguar quais foram os recursos utilizados para criar a impressão de verdade. De fato, uma das ambições do crítico é mostrar como o recado do escritor se constrói a partir do mundo, mas gera um mundo novo, cujas leis fazem sentir melhor a realidade originária. Se conseguir realizar esta ambição, ele poderá superar o valo entre “social” e “estético”, ou entre “psicológico” e “estético”, mediante um esforço mais fundo de compreensão do processo que gera a singularidade do texto (CANDIDO, 1993, p. 9-10)”.

² O uso da ironia faz com que José Guilherme Merquior veja em Machado o caso de um “narrador sardônico”, em sua crítica “Gênero e estilo das *Memórias póstumas de Brás Cubas*” (p. 139, 2008).

³ A saber *Memórias póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba* e *O Alienista* (2008).

Esse espaço de mobilização em Machado é preenchido pelo labor intelectual da observação e do manejo das referências, intelectuais, históricas e sociais, humanamente sempre limitadas, conquistando novos espaços de formulação e interpretação. O que parece extrapolar é exatamente o encontro entre as situações da modernidade brasileira, da mentalidade filosófico-científica em tensão, ironicamente dispostas, e a moral que sustenta uma ética no mínimo confusa. A arte, no sentido do “saber-fazer”, fica então em destaque para avaliação, inclusive do que estava disponível ao escritor.

Como parte de estudo de doutorado sobre esse Machado, a coerência interna e sua expressão devem ser buscadas na conjunção dos fatores aqui reforçados. Portanto, as intervenções críticas e a realização artística de Machado, nas obras já apresentadas, são nosso destino.

A benjaminiana Susan Buck-Morss aponta: “A tarefa estratégica mais importante do escritor não é tanto encher de conteúdo revolucionário as novas formas literárias, mas desenvolver o potencial revolucionário das mesmas formas” (Apud Perrone-Moisés, pag. 107, 2007). A prática crítica ficará a cargo daquilo que é conduzido moderadamente no texto de Machado, mas que ganha uma expressão, não por seu ímpeto, e sim por uma disposição meticulosamente alterada da matéria do imaginário. A força do texto de Machado e das possibilidades críticas, suas e de seus intérpretes, está, nesse sentido, colocada nesse plano de ação, como uma gestação com história e irmandade, o que nos faz lembrar seu *Esau e Jacó*.

Como uma comunicação do momento da pesquisa nos é reservada ao trabalho aqui feito a investigação ainda e permanentemente aproximativa dessas considerações. Temos com isso a definição de um objeto, a saber, a obra machadiana voltada à realização de uma luta no âmbito do *realismo*. Buscaremos encontrar, a partir de então, os traços entre o procedimento do autor e as formas de edificar um modo de expressão, conformadas nos gêneros e recursos discursivos, algo que possibilitará a percepção dos modelos interpretativos da obra de Machado. O autor possibilita várias apreensões do seu legado, porém há certa preocupação crítica em situar, por exemplo, seu *realismo* fora do âmbito da imaginação, o que congrega duas forças de modo separado. Nossa investigação terá como pauta os sinais dados pela crítica, sociológica, literária ou filosófica, em seus matizes, que sabemos tratadística, afirmações essas que resultam da pesquisa em desenvolvimento. Nosso desejo, portanto, é repor no horizonte um fazer-crítico insinuante. Isso que poderia se chamar da noção de ensaio fortalece a liberdade compromissada do trabalho. Ou a crítica como arte, no limite do pensado por Walter Benjamin.

As ferramentas confirmam a orientação do substrato analisado, na direção que formulamos entre *obra*, *teoria* e *crítica* o caminho a ser seguido. Isso significa que teremos como lastros esses pontos de apoio. Como destino, faremos uma nota crítica-analítica a cada campo percorrido. No caso, o objeto e seus temas.

II

A obra de Machado de Assis permite uma leitura crítica cuja fundamentação – literária, filosófica, sociológica e histórica – nos parece repleta de recursos inesgotáveis, ou, para não parecer exagerado, fundada em regras que foram forjadas a serviço de uma visão de mundo singular, pois credora de uma tradição e de uma tentativa criadora que ultrapassam as expectativas literárias da segunda metade do século XIX brasileiro. O modo como sua concepção de mundo, como sua articulação literária, como as vozes ecoam pela obra e o que elas podem representar demonstram uma configuração do real e da vida social dotadas de interpretações atentas acerca da possibilidade de formular um discurso sobre a vida. Os cortes permitidos pelas interpretações da representação literária do real fazem daqueles que se propõem a pensar sobre a vida social devedores deste tipo de conhecimento.

Em seu *Um mestre na periferia do capitalismo*, o crítico Roberto Schwarz (1990) observa a pertinência da obra de Machado de Assis como crítica da cultura, em que pese não ser somente com isso que o escritor brasileiro, como formulador de um discurso literário, se ocupe, situando assim a grandeza de sua obra. “E, com efeito, a prosa narrativa machadiana é das raríssimas que pelo seu mero movimento constituem um espetáculo histórico-social complexo, do mais alto interesse, importando pouco o assunto primeiro” (SCHWARZ, 1990, p. 11). Parece-nos fundamental para a obra literária impor a si própria a composição do universo ficcional e real como a costura de uma rede de relações que não se esgotam nem na ficção em si e nem na realidade, instaurando uma marca repleta de significações. A crítica de Schwarz, orientada por um arcabouço teórico materialista-histórico dialético, sabe disso, fundamentalmente por ter claro que a obra literária de maior grandeza não serve à mera retratação do real e tampouco pode ser analisada desse modo.

A sociologia marxista de Lucien Goldmann, contemporânea às primeiras investidas sobre a obra de Machado de Assis feitas por Schwarz, prenuncia um avanço nesse sentido. Pois se trata de um esforço analítico que, tendo ou não como fundo a dialética marxista, extrapola as matizes teóricas, apreendendo o postulado hermenêutico de ler na obra as dimensões que ela projeta.

É, à medida que o problema se colocar no interior de cada disciplina, à medida que os sociólogos compreenderem que uma sociologia não deve ser positivista mas levar em conta o sujeito transindividual na qualidade de ator que transforma a realidade, à medida que todos os diferentes setores das ciências humanas venham a se tornar dialéticos, que implicitamente, nascerá a interdisciplinaridade e que haverá, depois, bem entendido, no quadro desta interdisciplinaridade, especializações e especialistas.

Os pensadores dialéticos não atenderam a esta exigência e, no meu caso, tenho há muito uma cadeira de sociologia da literatura, enquanto sociólogos, quando estudavam a literatura, não logravam êxito no estudo do fato literário porque buscavam nele o reflexo da consciência coletiva, em vez de procurar a criação de estruturas; e os literatos consideravam a sociologia tão-somente como condicionamento exterior (GOLDMANN, 1972, p. 99/100).

Assim, a constituição de uma leitura da forma literária a respeito de um tipo de formulação do real deve, a nosso ver, se prender na conjunção de fatores que afirmam a literatura como um conhecimento *sui generis* da realidade.

A elevação dessa especificidade na obra de Machado de Assis torna a identificação e a reflexão da construção do conhecimento sobre a realidade uma questão que envolve o procedimento narrativo machadiano e suas ligações internas, feitas a partir de uma combinação com o entendimento sobre a realidade. Grande parte das leituras acerca desse plano na construção literária formula uma concepção sobre o estilo do autor. Mais do que estilo essa caracterização está na percepção da obra, mas também e principalmente na herança levada no bojo de suas articulações. Queremos dizer com isso que a forma narrativa expressa os planos de articulação da cosmovisão interessada pela obra em diálogo com seu tempo. A respeito do propósito desse diálogo na obra de Machado de Assis nos diz Schwarz:

Ao transpor para o estilo as relações sociais que observava, ou seja, ao interiorizar o país e o tempo, Machado compunha uma expressão da sociedade real, sociedade horrendamente dividida, em situação muito particular, em parte inconfessável, nos antípodas da pátria romântica. O “homem do seu tempo e do seu país” deixava de ser um ideal e fazia figura de *problema* (1990, p. 11 – grifo do autor).

Já aqui podemos ver que a problematização desse e de qualquer homem historicamente localizado ecoa como o objeto mais profundo de sua obra.

É sobre essa cosmovisão e o modo como ela é tecida que nos ateremos. Os enlaces em um campo de heterogeneidades de referências, marcando os elementos expressivos em negociação,

indicam que tipo de conhecimento que disso se edifica. A chave da nossa compreensão refere-se à formulação sobre esse homem historicamente localizado, às demandas que são colocadas a ele e fundamentalmente às suas respostas e seus modos. Essa chave não pode ser encontrada sem antes perceber como a narrativa machadiana conduz a configuração desses espaços de negociação e as referências que ela toma e transforma para produzir um conhecimento elevado sobre essa representação.

É consagrada pela crítica a noção de dois Machados na condução de sua produção literária. O Machado da primeira fase, de romances como *A ressurreição* (1872), *A mão e a luva* (1874), *Helena* (1876) e *Iaiá Garcia* (1878), já observa o Brasil da segunda metade do século XIX com seus temas de submissão e exploração do outro, através dos enredos traçados dentro da lógica patrimonialista, clientelista e escravista que nos tomava enquanto nação. O que afirma a cisão desse Machado é exatamente a postura narrativa e o lugar dessa narração levada às últimas conseqüências ao fazê-la com *a pena da galhofa e a tinta da melancolia*, momento marcado por suas *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881). Essa percepção foi bastante investigada nos estudos de Roberto Schwarz.

A caracterização temática na obra machadiana se torna cada vez mais audaciosa na medida em que a postura de seu narrador e os problemas a serem enfrentados se complexificam. *Memórias póstumas de Brás Cubas* é marco fundamental nessa mudança, como demonstram, por exemplo, as obras *Um mestre na periferia do capitalismo*, de Roberto Schwarz, e *Riso e Melancolia*, de Sergio Paulo Rouanet.

É importante notar a transgressão consciente dos padrões de sua época na literatura machadiana. E isso se dá efetivamente na construção da voz narrativa. Os narradores machadianos se prestaram a diversas situações na postulação de sua voz. Tanto em primeira quanto em terceira pessoa, esse narrador tem características que sobrepõem à denominação puramente gramatical dessas postulações⁴. Alfredo Bosi (2008) no início de seu ensaio sobre o narrador machadiano nos mostra como foram formuladas questões a respeito do narrador e quais as possibilidades de sua existência. A fundação de um debate em torno das visões acerca do modo de apresentar o real, da quantia e qualificação da realidade que há na apresentação, é fundamental para refletir sobre como o homem moderno e suas relações foram levadas a afirmações em relação ao poder ou não da representação ou de quem representa. Depois de diversas versões e superações da discussão acerca da figura do narrador nas literaturas moderna e contemporânea, somos levados a rever literaturas como a de Machado de Assis. Pois, em pólos genéricos, após a evaporação da ideia de sujeito empreendida pela crítica da razão na modernidade avançada, e da tentativa “hipermimética” da figuração realista do narrador, o problema se coloca exatamente na confluência dessas relações, já que se tenta uma potencialização dos planos narrativos. A se pensar a fonte desse conhecimento, antes localizado no sujeito cartesiano, confrontado por uma formulação investida de partições da percepção, há a incorporação da experiência como um passo para a diluição da noção de verdade, o que acompanha uma sugestão sobre as possibilidades do narrador e da relação com a leitura. Como, a partir daí, é produzido o diálogo onde há ou havia um narrador? A questão, portanto, se trata do poder de representação ou de sua própria inexistência.

Estejamos atentos: onde a objetividade do relato parece barrar qualquer surto de subjetividade, esta pode pulsar e irromper, reclamando o seu direito à existência. E, na outra ponta, onde a memória individual exigiria a presença exclusiva de uma voz lírica, o *eu* pode dividir-se, ver-se a si mesmo como outro, ou mudar de rosto e compor máscaras de insólita objetividade.

⁴ Em relação às considerações técnicas a respeito do narrador machadiano tomaremos como guia de nossa leitura o ensaio de Alfredo Bosi “Figuras do narrador machadiano” em *Cadernos de literatura brasileira* (2008), e a tese de doutorado *Ceticismo e ironia no pensamento social de Machado de Assis* de Sebastião Rios, de 1998, UNB (inédito).

Situados em um momento crítico desse processo movido à noção de identidade, não será por acaso que nos empenhamos hoje em dirigir o nosso trabalho de intérpretes para várias dimensões do olhar narrativo, o que nos leva a revisitar a ficção de escritores do porte de Machado de Assis. E provavelmente essas novas indagações sobre a figura do narrador irão afetar temas já trabalhados pela crítica como a visão machadiana da sociedade brasileira, a análise existencial das personagens da sua ficção, assim como os modos de construção do todo narrativo e de sua dicção, “estilo” machadiano (BOSI, 2008, p.129).

Bosi propõe que vejamos os pontos em que esses narradores superam a dimensão óbvia da marcação de primeira ou terceira pessoa da narração.

A notação dos narradores oniscientes e pretensamente objetivistas dos romances *Quincas Borba* e em parte de *Esau e Jacó* e os narradores subjetivistas de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Dom Casmurro* e *Memorial de Aires* servem, indubitavelmente, como guias, porém é exatamente nessa seara em que as coisas se confundem, não ao acaso. Sebastião Rios é esclarecedor na aplicação dos recursos de técnica narrativa ao empreender sua análise a partir dos estudos da perspectiva do narrador, tomando os romances da segunda fase de Machado em dois blocos: autobiografias ficcionais e romances autorais, constituídos a partir das variações da situação narrativa (RIOS, 1998)⁵.

Bosi, no artigo supracitado, mostra a confluência desses narradores a partir de uma passagem bastante retomada pela crítica, o capítulo inicial de *Quincas Borba*:

Rubião fitava a enseada, – eram oito horas da manhã. Quem o visse, com os polegares metidos no cordão do chambre, à janela de uma grande casa de Botafogo, cuidaria que ele admirava aquele pedaço de água quieta; mas, em verdade, vos digo que pensava em outra coisa. Cotejava o passado com o presente. Que era, há um ano? Professor. Que é agora? Capitalista! Olha para si, para as chinelas (umas chinelas de Túnis, que lhe deu recente amigo, Cristiano Palha), para a casa, para o jardim, para a enseada, para os morros e para o céu; e tudo, desde as chinelas até o céu, tudo entra na mesma sensação de propriedade.
 “Vejam como Deus escreve direito por linhas tortas”, pensa ele. Se mana Piedade tem casado com Quincas Borba, apenas me daria uma esperança colateral. Não casou; ambos morreram, e aqui está tudo comigo; de modo que o que parecia uma desgraça... (MACHADO, 2004, p. 643, v. 1)

No primeiro capítulo de um romance em que o narrador se apresenta como certo dos pensamentos e de toda a ambiência descritiva acerca da vida de Rubião, a problematização se confirma na existência de um interlocutor, a quem o narrador se dirige para lhe dizer a verdade; de um suposto observador (“Quem o visse...”); e de uma voz narrativa que se entrelaça com o pensamento do próprio Rubião, constituindo um interessante domínio da imbricação envolvida e do efeito a ser causado (BOSI, 2008).

Essa atitude narrativa, que diz muito a respeito da composição de uma cosmovisão e da construção do enredo a partir dessas marcações pouco usuais à sua época, faz do leitor chave fundamental nesse processo. A problematização do *status* e da garantia dele através da herança a ser gerida por Rubião coloca grandes problemas àquela configuração social brasileira em contato com o capitalismo europeu em expansão, com suas fábricas e sua ideologia. A par do enredo e de posse das contradições que a vida social brasileira vivia em relação às novidades vindouras, a percepção machadiana ultrapassa a representação pronta das estruturas e características nacionais, alargando uma concepção pouco afeita ao realismo da época, pois se instruída de uma gradação crítica que se dava no questionamento, velado aos olhos imediatistas, da forma de representar, do modelo de nação e do modelo de homem, que em Machado não estava determinado, pois era, antes, cindido; algo aprendido

⁵ Embora permita a caracterização das noções formais dos narradores no romance moderno, as categorias e distinções de Sebastião Rios, legadas por Stanzel, em formas arquetípicas, nos servem como visualização primária para o entendimento da construção narrativa, não nos interessando retomar essa caracterização para a finalidade deste trabalho, já que não se trata de um estudo do narrador em Machado de Assis.

com a filosofia pascaliana (BOSI, 1999) e que, segundo Rouanet (2007), ao ser atualizada fundamenta sua leitura de mundo.

Essa condição da obra é inaceitável a críticos como Sílvio Romero e demonstrada na afirmação de que Machado sofreria “de uma perturbação qualquer nos órgãos da linguagem” (ROMERO apud TEZZA, 2008, p. 240). Ao se horrorizar com a linguagem machadiana, Romero segue dizendo que Machado “não é vivace, nem rútilo, nem grandioso, nem eloqüente. [...] Sente-se que o autor não dispõe profusamente, espontaneamente, do vocabulário e da frase. Vê-se que ele apalpa e tropeça” (ROMERO apud TEZZA, 2008, p. 240). Essas afirmações que hoje nos parecem absurdas, grande parte em razão da releitura das obras de Machado de Assis pela crítica, seguiam os princípios de uma estética realista que não se permitia digressões, interrupções, interlocuções e uma linguagem historicizada de acordo com o contexto e inserção da voz narrativa do próprio narrador ou do personagem tributário da narração⁶. Machado tropeça e assim o quer sua literatura, ao colocar na voz do seu narrador a afirmação de uma condução *ébria* do enredo de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, porque isso lhe parece mais real do que as *descrições diretas e nutridas*, sendo o real não a afirmação das transposições dele em si, mas sim o real constituído das armações envolvidas no humano, no social, no histórico, na imaginação. Nesse sentido a recondução dos princípios norteadores dos homens coloca em pauta a força da história e do processo de racionalização. Por isso um entendimento acerca da instabilidade, que ao ser conduzido por uma tonalidade irônica faz diferença na localização de Machado na literatura brasileira. Desse modo não nos parecem sem propósito os dois trechos a seguir: “É isto a razão humana: uma luz melindrosa, que resiste muita vez ao vendaval de um século, e se apaga ao sopro de um livro”⁷ e “O incerto é o sal do espírito!”⁸. Há aqui a apresentação de uma posição quanto ao tempo e o anseio humano por prendê-lo, algo redutor da capacidade sensitiva e produtiva da consciência. Machado apresentava, portanto, uma cosmovisão mais complexa do que as filosofias iluminadas de seu tempo, pois ao abrir uma fissura⁹ na formulação literária e no pensamento, a visualização sobre o real começa a tomar outros sentidos na leitura da vida e da sociedade brasileira.

Tendo em vista essas preocupações de representação da literatura realista moderna, apregoadas com frequência por críticos de cunhagem realista, como Sílvio Romero, seria algo descabido apresentar aos leitores narradores pouco usuais. O exagero a que essa característica é levada está no aparecimento de um *defunto-autor*, que estrutura suas considerações repleto de mobilidade imaginativa e com constante uso de paródias, algo frequente em toda a obra machadiana. Mesmo quando o narrador não é alguém que já deixou a *vida para efetivamente entrar nela*, a estrutura da narração compõe-se de dúvidas que, ao invés de romper os laços de confiança com o leitor, faz dele um cúmplice; é verdade que em condição não tão favorável, mas, talvez, a única viável. Um *defunto-autor* ou um diplomata enfasiado da vida, como no *Memorial de Aires*, dispõem os eventos pela obra em um exercício de desconfiança que faz do leitor sujeito ativo, dando-lhe, ao menos ao leitor menos conformado, a opção de viver sua liberdade como construtor de conhecimento.

Em questão está o modo como se constitui a forma machadiana. A gestação dos romances machadianos da dita segunda fase é demorada¹⁰ e parece colocar em xeque o mundo da cultura imediata, mas também, e nossa hipótese vai nesse sentido, a realização dos impasses da realidade na

⁶ Sílvio Romero se utiliza do dado biográfico de que o nosso autor seria gago.

⁷ Cf. MACHADO, “Notas semanais”. *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 09.06.1878. Publicado com o pseudônimo Eleazer. In: *Cadernos de literatura brasileira*, 2008, p. 71.

⁸ Cf. MACHADO, “A semana”. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 16.04, 1893. Publicado sem assinatura. In: *Cadernos de literatura brasileira*, 2008, p. 70

⁹ Interessante notar como essa noção de abrir fissuras no pensamento é sintetizado no fim do século XX pelo sociólogo Pierre Bourdieu (1998), em seu *Contrafogos*.

¹⁰ Enquanto Machado publica a cada dois anos os primeiros romances, após *Memórias póstumas de Brás Cubas* a publicação de seus romances ocorrerá em um intervalo entre cinco e nove anos.

construção do pensamento, em específico o literário. Ao colocar o narrador de volta à terceira pessoa, em *Quincas Borba* e em *O Alienista*, Machado enfatiza que a dúvida, tipicamente pascaliana que coloca o homem na dimensão da aposta, pode ser percebida nos meandros das narrativas em questão. Em *Quincas Borba* Rubião é o ingênuo que também é responsável por suas tragédias, e em *O Alienista* o médico Simão Bacamarte é aquele que movimento a disposição social pela perseguição aos ditos *loucos*. O que, à parte dos detalhes das histórias, que se apropriam e incorporam os riscos da razão modernizante, fica em perspectiva a continuidade da pesquisa da singularidade de Machado de Assis como um marco para a organização literária, talvez não só brasileira.

Referências bibliográficas

BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Trad. Mario Laranjeiras; prefácio, Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BENJAMIN, Walter. *A origem do drama barroco alemão*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. *Magia, técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOSI, Alfredo. Figuras do narrador machadiano. In: *Cadernos de literatura brasileira*, números 23 e 24 – julho de 2008. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles.

_____. *Machado de Assis: o enigma do olhar*. São Paulo: Ática, 1999.

CANDIDO, Antonio. *O discurso e a cidade*. Livraria Duas Cidades, 1993.

GOLDMANN, Lucien. *A criação cultural na sociedade moderna*. Trad. Rolando Roque da Silva. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.

PERRONE-MOISÉS, L. *Vira e mexe nacionalismo*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MACHADO de Assis. *O alienista*. São Paulo: FTD, 1994 (Coleção grandes leituras).

_____. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2008.

_____. *Cadernos de literatura brasileira*, números 23 e 24 – julho de 2008. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles.

RIOS, Sebastião. *Ceticismo e ironia no pensamento social de Machado de Assis*. UNB, 1998, (inédito).

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Duas Cidades. 1977.

_____. *Um mestre na periferia do capitalismo*. São Paulo: Duas Cidades, 1990.